

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

2ª SÉRIE

LISBOA-10-MARÇO-1923

N.º 890



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00, Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

BEBAM AGUA de S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Restaurant Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa redonda e por
lista. — Um habilissimo cosinheiro dirige
o magnifico serviço de cosinha.



Fornecedores dos Restaurants da Companhia Wagons-Lits

ARMAZEM DE VIVERES

José de Pinho Costa & C.^a (F.^o), Ltd.^a

69, RUA DA BITESGA, 73

(Primeiro quarteirão vindo da Rua Augusta)

Especialidade em pasteis de Belem e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861

Secção Editorial de "O Seculo"

Enciclopedia Popular Illustrada Porque, como e para que

Coleção de romances illustrados

Pedidos á administração de O SECULO

A' verda nos logares do costume

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade
limitada

Accções.....	300.000\$00
Obrigações.....	294.200\$00
Fundo de Reserva e amorti- sação.....	380.000\$00
Escudos.....	1.021.200\$00

SÉDE EM LISBOA. Proprietaria das fabri-
cas do Prado, Marianala e Sobrefrinho
(Tomar), Penedo e Casal de Hermita (Lou-
za), Vale Mator (Abergaria-a-Velha), ins-
taladas para uma produção annual de 6 mi-
lhões de quilos de papel e dispondo dos
maquinismos mais aperfeiçoados para a
sua industria. Tem em deposito grande
variedade de papéis de escrita, de impres-
são, de embrulho. Toma e executa prom-
ptamente encomendas para fabricações espe-
ciaes de qualquer quantidade de papel
de maquina continua ou redonda e de fór-
ma. Fornece papel aos mais importantes
jornais e publicações periodicas do paiz e
é fornecedor exclusiva das mais impor-
tantes companhias e empresas nacioaes —
Escritorios e aeposios: LISBOA, 270, rua
da Princesa, 27; PORTO, 49, rua de
Passos Manuel, 31. — Endereço telegrafico
em Lisboa e Porto: — Companhia Prado —
N.º telef. Lisboa 665. Porto, 117.

Quereis ser um bom guarda-livros?

Requisita matricula no Ins-
tituto Nacional de Ensino por Cor-
respondencia, Largo Trindade
Coelho, 6, Lisboa. Os prospé-
ctos d'este Instituto são reme-
tidos gratuitamente a quem os
requisitar.

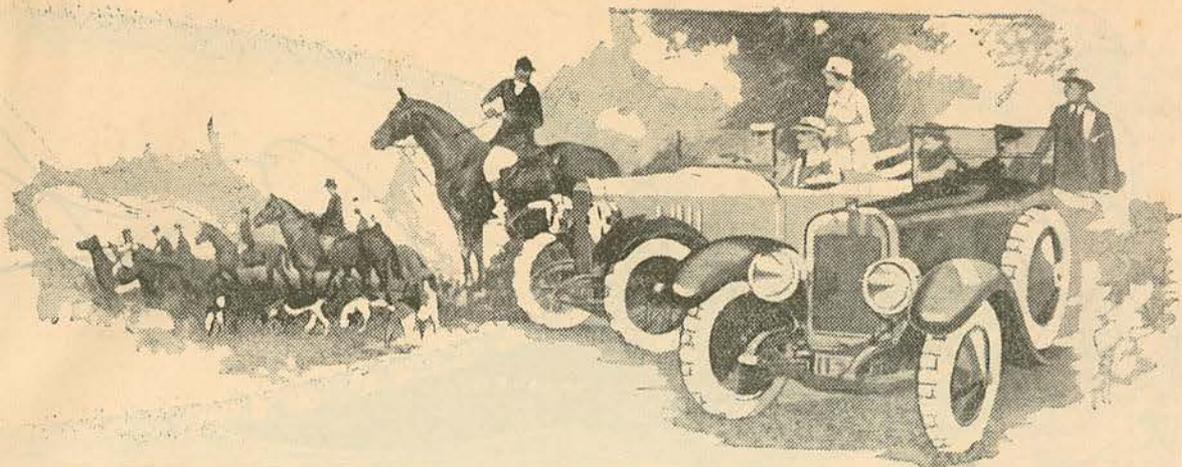
Vae a Paris???

Não deixe de ir ao Restaurant POR-
TUGAL rendez-vous da colonia portu-
guesa 167, Rua Montmarre, ao lado
dos grandes Loulevards. Proprietario:
Carbosa Araujo Cosinha e pastelaria
portuguesa. Os melhores vinhos de
PORTUGAL. Pessoal portuguez. Onde se
come melhor e mais economicamente.



TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"
Rua do Seculo, 43 — LISBOA



TODOS OS "SPORTS"

OS desafios de primeiras categorias, de domingo passado, pouco interesse despertaram, tendo-se felto, em qualquer deles, jogo monotonico. Os resultados foram as victorias do Casa Pia e Victoria sobre Carcavelinhos e União.

O primeiro encontro, arbitrado por Alberto Augusto, em que se defrontaram o grupo de Setubal e o União, sendo jogada a primeira parte sem que qualquer dos grupos conseguissem marcar, não obstante as excellentes occasiões, que para isso, tiveram. Foi o União, que, no segundo tempo, primeiro marcou a sua única bola. O Victoria reagiu furando as redes do adversario por tres vezes. O desafio acabou, então, com o resultado 3-1 a favor do grupo setubalense.

Se o encontro União—Victoria foi uma má demonstração de *association*, o Casa Pia—Carcavelinhos foi muito peor. A bola de saída coube ao primeiro grupo, que conseguiu dominar o seu adversario durante todo o primeiro tempo.

As duas bolas marcadas a favor do Casa Pia foram feitas por Candido de Oliveira e Lopes. Na segunda parte, o Carcavelinhos, que jogou com alguma violência, conseguiu a sua única bola, terminando assim o desafio com o resultado 2—1 a favor do Casa Pia.

— Os desafios de *foot-ball* entre escolas superiores, para a disputa da *Taça Pinto Basto*, que se realisaram no mesmo dia, puzeram frente a frente os teams representativos do Instituto Superior Técnico e a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Sciencias e a Faculdade de Direito.

O *match* Superior Técnico—Faculdade de Medicina começou á hora marcada, sob a arbitragem do sr. Rua Dias, cabendo a escolha do campo ao segundo grupo. O jogo desenvolve-se nos dois meios campos até que Mario Santos, avançado centro do Técnico, conseguiu o primeiro *goal* a favor deste grupo. Ainda foi este jogador que pouco depois furou as redes do Medicina com a

segunda bola a favor do Técnico. Os rapazes do Medicina reagiram, conseguindo a sua primeira e única bola. Coube a vez, então, a João Ulrich, do Técnico de marcar a terceira bola a favor do seu grupo. Começado o segundo tempo, o *team* de engenharia accentua, mais nitidamente, o seu dominio, quasi localisando o jogo no meio campo adversario, obtendo mais quatro bolas.

Da Faculdade de Medicina salientaram-se: Boto, Cavaleiro, Domingos, Pimenta, Gambôa e Guerra. O grupo do Medicina não deve desanimar porque, sendo o primeiro encontro que realiso, a sua derrota muito é atenuada pela magnifica constituição do *team* de engenharia, que nos pareceu um dos melhores, senão o melhor dos inscitos no campeonato.

O encontro Faculdade de Sciencias—Faculdade de Direito começou pouco depois das 15,30, arbitrado pelo sr. António Braz. O jogo manteve-se equilibrado durante toda a primeira parte, não obstante o forte vento que soprava a favor do Direito. O *keeper* deste grupo, Jorge Amaro, effectuou algumas boas defezas, sendo bastante carregado. Ao contrario, o guarda rede do Sciencias pouco teve que fazer, porque os seus defezas desarmavam quasi todas as perigosas descidas do Direito, que com Honorio Costa, na sua asa esquerda, ameaçava seriamente. Quasi no final da primeira parte, este conhecido *spot-man* marcou um *penalty* que transformou em *goal*. Ainda foi Honorio que, outra vez, furou as redes do Politénica com a segunda bola a favor do Direito. Começado o segundo tempo, Sciencias começou a dominar, sendo Gonçaves Sobrinho que, marcando uma grande penalidade, conseguiu a primeira bola a favor do seu *team*. Foi ainda este *player*, que, mais duas vezes, furou as redes do Direito, obtendo a victoria para o seu grupo por 3 bolas a 2.

Do Sciencias salientaram-se: Sobrinho, Macedo Santos e Aragão.

Do Direito salientou-se Honório Costa, que por vezes foi impetuoso.

— Na disputa da prova de pesos e alteres, *«criterium Padinha»*, que se realiso na sala do Ginnásio Club Portuguez, ficaram classificados os seguintes atletas:

Alvaro Costa, do G. C. P., em primeiro lugar; Lopes Esteves, do Ateneu Commercial de Lisboa, em segundo; Mota Marques, do G. C. P. em terceiro; Mario Costa, do G. C. P., a quem coube a quarta classificação.

Um dos concorrentes, sr. Jesus Calado, desistiu por se ter magoado num levantamento.

O juri da prova foi constituido pelos srs: Manuel da Silveira, Silva Carvalho, Mario Miranda e Raul Lopes, tendo servido de abito o sr. Humberto Caldas.

D. C.



Uma interessante fase do torneio de hockey entre franceses e tchecoslovacos disputado nos dias 12, 13 e 14 do mez findo, no Palais de Glace, de Paris, em que os dois grupos empataram por 3 pontos a 3.

capa—A actriz cantora Alice Pancada, que ha dias desempenhou com grande exito, em S. Carlos, a parte de Zabel, da opera de Alfredo Kell, *Serrana*.



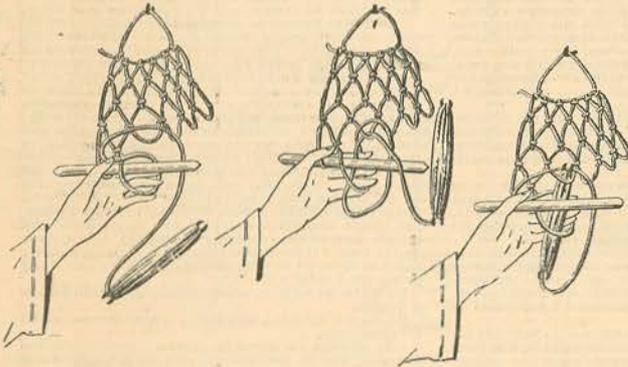
O FILE'

VAMOS hoje dar ás nossas leitoras uma explicação rápida da maneira de o fazer.

O file' compõe-se de malhas, que devem ser perfeitamente iguaes, ligadas por um nó, muito solido, feito com o auxilio duma naveta e duma forma. E' indispensavel que estes utensilios sejam de dimensões

aumenta-se até contar 22 malhas; faz-se uma carreira sem aumentar e começa-se a diminuir. Para acabar ligam-se as duas ultimas malhas, isto é, reuni-las por um nó, mas retira-se o molde antes de apertar o nó.

Damos juntamente o modelo dum sacco que poderá ficar lindo feito em seda com um molde muito fino. Para o começar é preciso fazer uma roseta da qual damos tambem o modelo. Basta começar por 40 malhas numa argola larga á qual se vem prender a borla. O numero de malhas e de voltas depende do tamanho e do uso a que elle fór destinado, pois que tanto pode servir para sacco de fraldas como para pequeno sacco de mão.



MODO DE TORNAR O O EO DE CRAVO INODORO E PROPRIO PARA SUBSTITUIR A MANTEIGA

Toma-se um kilo de oleo de cravo, ferva-se numa vasilha chata, até que não faça espuma. Junte-se-lhe 30 ou 40 grammas de sal de cosinha, e pequenas fatias de milho de pão. Basta isto para tirar o sabor acre e natural do oleo de cravo. Acrescentem-se então 50 grammas de banha sem sal, uma folha de salva, e por este modo obtém-se uma mistura que terá um gosto semelhante ao da banha de ganso. Juntando-lhe gordura de vaca, torna-se este oleo exelente para tempero de legumes, e

proporcionadas. E assim, poderão começar o seu trabalho. Em geral emprega-se linha de linho para estes trabalhos, mas podemos empregar tambem algodão, seda e até cordão ou 'soulache'.

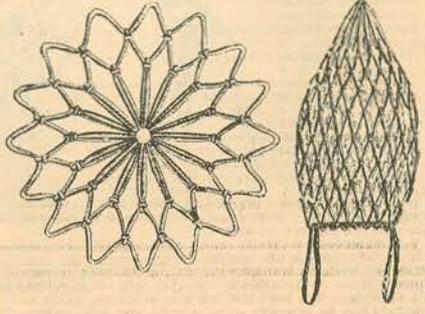
Para começar, deve fazer-se uma argola com 0,14 e 0,15 com o fio dobrado e prender nele o fio da naveta. Depois pegar no molde com a mão esquerda, como mostra a nossa figura e, estendendo os dedos, passar o fio por cima do molde e em volta dos tres dedos de forma a deixar livre o dedo minimo. Seguidamente traz-se o fio por detraz e pela esquerda, por baixo do polegar que o fixará, e leva-se para a direita passando por detraz do molde.

Outra das nossas figuras mostra o segundo movimento. Para fazer o nó é preciso passar a naveta pelo intervalo formado entre os dedos, a mão e o molde e apanhar novamente o fio deante da naveta por cima dos dedos. Apanhar a naveta nesse ponto ao sair, segurar com o pequeno dedo a nova argola, que acaba de se formar, emquanto se puxa a naveta para apertar o nó. Então solta-se a argola do dedo pequeno e rapidamente, puxa-se de modo brusco, de maneira a fazer o nó e acabar a malha.

Para aumentar, fazem-se duas malhas na mesma argola, aumentando assim de carreira para carreira.

Para diminuir, faz-se o inverso, passa-se a naveta de duas em duas malhas.

Para fazer um quadrado, começa-se por duas malhas ou tres nós na argola. Em cada uma das voltas seguintes fazem-se dois nós na ultima argola, de maneira a aumentar uma malha em cada volta. Continua-se a aumentar até contar uma malha a mais do que as que desejavamos para o quadrado. Assim, para um quadrado de 21 malhas,



as iguarias temperadas com elle não diferem em coisa alguma das que levam manteiga.

MODO DE IMPEDI-QUE O LEITE COALHE

Empregando 25 grammas de bicarbonato de sodio por litro de leite, retardar-se-ha deza doze horas o momento em que, em virtude da sua alteração ou da sua falsificação, o leite se torna suscetiv. I de coalhar por effeito da fervura. Quando o leite está completamente coalhado, durante o calor, ou coalhe quando o aquecem, pode se ainda fazer voltar ao seu estado primitivo, juntando-lhe bicarbonato de soda, que se deita pouco a pouco, mexendo continuamente o liquido até ao seu perfeito restabelecimento.

A BELEZA E A EXPRESSÃO

Será um erro pensar que a beleza física reside unicamente na regularidade dos braços e na perfeição das formas. Basta simplesmente olhar, com um pouco de atenção, o que se passa á nossa volta, para reconhecermos que muitas mulheres celebres pelo seu «charme» estão bem longe de ser uma beleza classica, de correção irrepreensivel de braços e formas.

A troco de curiosidade, damos aqui alguns dados da beleza classica:

O pé duma mulher classicamente bela deve medir 1/6 da sua altura.

A cabeça 1/7.

O resto desde a testa até ao queixo deve ser 3 vezes o comprimento do nariz. A orelha não deve ser mais comprida que o nariz.

Os cabelos devem ser collocados um pouco em baixo, formando hicos aos lados, descrevendo uma linha ligeiramente arqueada sobre a testa.

Nós não falaremos da estatura, cujo aspecto varia segundo a moda.

E' preciso ter sempre presente a estetica dos antigos escultores, que nos mostram sempre a mulher vestida duma maneira que, dando a lussu dum busto curvo, torna a silhueta mais elegante. A frente um pouco estreita de cabelos onteados. O nariz rectilineo, os olhos em amendoa, o queixo ligeiramente pronunciado, a boca pequena e o oval do rosto perfeito.

Não é menos verdade, porém, que ha mulheres «charmantes» que adquiriram a reputação de belas, orgulhando-se de traços, cuja estetica não está em harmonia com as regras geraes.

Quantas mulheres não possuem olhos encantadores, sendo d'uma configuração redonda e não alongada. Quantas bocas, que nada tem de pequenas, tem um encanto que se lhes não pode negar!

Ao contrario, ha mulheres de feições classicamente correctas e contudo a sua beleza não impressiona. Quantas vezes, ao falar duma dessas mulheres, formulamos a seguinte pergunta: «Mas porque não é ella uma beleza? o que lhe falta?»

O que falta é o maior segredo da beleza e o que mais facilmente a todas é de adquirir. E' o dom de fazer da fisionomia o espelho do alma.

Bem entendido, é preciso que a alma não seja fria, senão o rosto tomaria um aspecto desagradavel. Pelo contrario, a que deixa transparecer na sua fisionomia uma alma sã, cheia de sinceridade, os olhos terão uma expressão encantadora, a boca terá um sorriso suave, cheio de bondade que no primeiro olhar prende, sem que se pense em analysar os traços dum rosto assim.

MENÚS DA SEMANA

Domingo		Quarta feira	
Almoço	Bacalhau cozido com batatas Ovos estroados Café com leite	Almoço	Linguado frito com salada de batata Salada de carne Café com leite
Jantar	Sopa puré de feijão Empanadas de peixe Roastbeef com batatas cozidas á inglesa e couve flor Pudim de encanto	Jantar	Sopa de ervilhas Almofedas de carne Frango assado com salada de chicória Pudim de arroz
Segunda feira		Quinta feira	
Almoço	Arroz de peixe espada Peixe espada grelhado com salada de batata Café com leite	Almoço	Pastéis de bacalhau com arroz de bacalhau Café com leite
Jantar	Sopa de l'ouzo Pastéis de peixe Costeletas de porco com salada de chicória Pudim economico	Jantar	Sopa de carne Pastéis de camarão Carne de vaca assada com ervilhas ao natural Bolo podre
Terça feira		Sexta feira	
Almoço	Omelete de morisco Fritas de carne assada ao presunto e nabos guisados Café com leite	Almoço	Filletes de peacada com arroz de manteiga Costeletas de vitela com puré de batata Café com leite
Jantar	Sopa de peixe Peixe espada frito com salada de alface Perna de carneiro assado com batatas fritas Pudim de mel	Jantar	Sopa de nabos Arroz gordo com salchichas, fatias de presunto e beterraba Vitela estufada com couve flor Pudim de ginja
Sabado		Sabado	
Almoço	Carneiro guisado com batatas Ovos enrolados Café com leite	Jantar	Sopa de pão em caldo Cabeça de porco com frango de nabo Pergo assado Pudim de burguez

CALENDARIO DA SEMANA

Março - 31 dias

11 - Domingo	- S. Constantino.
12 - Segunda feira	- S. Gregorio Magno.
13 - Terça feira	- S. Rogelio.
14 - Quarta feira	- St. Matilde
15 - Quinta feira	- S. Cirillo
16 - Sexta feira	- S. Cirilaco
17 - Sabado	- S. Patricio



PAGINA

MUSICAL

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Letra de Osorio Duque Estrada

Musica de Francisco Manuel

Tempo di Marcia

PIANO

First system of musical notation for piano, including treble and bass staves with notes and dynamics.

Second system of musical notation for piano, including treble and bass staves with notes and dynamics.

Third system of musical notation for piano, including treble and bass staves with notes and dynamics.

Fourth system of musical notation for piano, including treble and bass staves with notes and dynamics.

Fifth system of musical notation for piano, including treble and bass staves with notes and dynamics.

Sixth system of musical notation for piano, including treble and bass staves with notes and dynamics.



I

II

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céu da Patria nesse instante.

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Iluminado ao sol do novo mundo.

Si o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres :
«Nossos bosques têm mais vida»
«Nossa vida no teu seio mais amores».

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!;

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vivo
De amor e de esperança á terra desce,
Si em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Brasil, de amor eterno seja simbolo
O labaro que ostentas estrelado
E diga o verde-louro dessa flamula
— Paz no futuro e gloria no passado.

Gigante pela propria natureza,
E's belo, és forte, impavido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Mas si ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á lucta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Patria amada!

Terra adorada
Entre outras mil,
E's tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos de teu sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

Dos filhos deste sólo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

Silva Poética

VENUS NA RUA

O H gloriosa mulher, como te admira
A perfeição do gosto mais perfeito!
Que harmonia completa essa que gira
Nas esferas suspensas do teu peito!

Teus braços, como os braços duma lira,
Longos, o abraço fazem mais estreito...
Harmoniosa estatua, que respira
Ancias no plinto natural do leito...

Carne ou estrela, que o sonho não concebe,
Da luz de todo o olhar o fluido bebe,
Explendente, a fulgir todas as glórias.

E passando por entre as multidões
Tem a forma encantadora das visões,
A leveza das coisas incorpóreas!

LUTA SECRETA

EM certas horas, tenho por conselho
E gula ao meu pensar e no meu gesto,
O espirito de um -santo, — e sou honesto,
E a minha alma dos bons é limpo espelho.

Em outras, não sei como, eu assemelho
Dos maus, o consciente ser funesto,
— E ao pecado e ao vicio corro presto,
Aos seus lábios pintados de vermelho.

Reflexiono, depois. E ao conhecer
Esta dualidade do meu ser,
Ruge-me na alma um indignado espanto!

Te-la em descanso, sempre, — quem pudera!
Não conhecer o bem — ser uma Fera,
Ou conhece-lo então — mas ser um Santo!

DEPOIS DA MISSA

A CABA a missa. Em bandos, as pequenas,
Todas de claros fatos domingueiros,
Por atalhos, verêdas e carreiros,
Entre murtaes, giestas, açucenas,

Levam da sua graça de morenas
E dos seus olhos negros felíceiros,
Namorados *Manéis* por companheiros
Que de frases d'amor sabem apenas

Dizer que gostam delas. E lá vão,
Falando coração a coração,
Por atalhos, verêdas e carreiros,

Entre murtaes, giestas, açucenas,
— Lindas cachopas, lindas e morenas,
Todas de claros fatos domingueiros...

Madeira

CARMO HENRIQUES



A FALTA DUM PAI

ERA á hora em que o sol, suavemente, tende a declinar... No arvoredo, um rouxinol buliçoso deixava vir até nós os seus canticos melodiosos, canticos que produzem nas nossas almas o efeito que o sol produz nas flôres: vivifica-as!... O entardecer! hora triste, em que o campo, sem a luz importuna do sol, se mostra em toda a sua beleza... Tomats avermelhados... Teem mais encantos os murmurios do rio que, serenamente, corre perto da aldeia... Entardecer! Hora de recordações! Hora consoladora e, ao mesmo tempo, amarga!

Bandos de raparigas regressam ao lar... unindo as suas vozes frescas, cristalinas, num côro delicioso, em que todo se revela o seu amor á vida!... Elevam mais a voz... pouco a pouco entusiasmam-se... Ao passarem pelo rio, miram-se furtivamente nele, e depois vão descuidadas, felizes, na esperança de encontrarem aqueles que lhes roubaram os seus jovens corações de raparigas... Entre elas, ha uma mais alegre, mais formosa... Chama-se Maria. — 17 anos sómente. — Cabelos negros, ondeados, olhos da mesma côr, nariz aquilino, bôca pequena, labios rubros admiravelmente

modelados, tez clara, levemente rosada... Alta, elegante, flexivel no seu justo corpete de veludo negro... é ela a mais bela da aldeia. O olhar vivo, malicioso e franco na sua meiguice, torna-se cruel, altivo, á menor contrariedade... — Orfã de Mãe ainda muito criança, dedicou-se por completo ao Pai, sua unica familia, seu unico consolo, sua unica esperança e amparo na montanha cheia de espinhos e precipicios que é a Vida! Viviam um para o outro... eram felizes! Porém, um dia, o capricho do Destino separou-os: A miseria cruelmente invadiu-os e o Pai, com as lagrimas nos olhos, trémulo... muito triste... beijou a filha, disse adeus ao lar... á terra... e foi, — sabia lá por quanto tempo? — para o Brazil! — não ambicionava riquezas; apenas o necessario para viver com a filha a quem adorava. E até isso Deus lhe negou!

Victima dos desgostos e tambem do trabalho... faleceu, sendo o seu pensamento constante a filha! aquela criança que deixára, então uma mulher, — sem ninguem que a guiasse, sem ninguem que a amparasse...

Na aldeia, Maria depressa soube da morte do Pai. A magua enorme, profunda, se apossou dela, e os seus labios, outrora sempre entreabertos num sorriso, cerraram-se para sempre. Arranjou trabalho e entregou-se-lhe ardente-



mente; mas á noitinha, quando recolhia a casa, para descansar das fadigas do dia, os olhos marejavam-se-lhe de lagrimas ao olhar o lugar em que dantes (como esses tempos iam já distantes!) o Pai, nunca esquecido, a acompanhava ao serão! E por vezes desesperava:

— Que culpa era a sua para se vêr tão só?! Que mal finha feito para tanto sofrer?!

Mas... os dias decorreram e veio a primavera trazendo a Maria, por lenitivo á sua magua, o Amor. Casou, teve um filho a quem adorava. Era feliz quasi. Contudo, uma tarde, o marido encontrou-a palida de comoção, com o olhar resplandecente de alegria e tendo nos labios o sorriso ha tanto tempo desaparecido...! Ela chamou-o e ao filho, na sua voz quente, harmoniosa...

Beijou-os brandamente... conservou-os junto a si, olhando embebecidamente o céu, depois fechou os olhos e proferindo baixinho a palavra: Pai! Maria faleceu. — Aqueles tiveram

a impressão de que ela estava, enfim, bem... e viram os anjos levarem-na para o céu e Jesus recebe-la nos braços...

.....
Aquella alma de mulher o Amor não fizera esquecer o Pai...

Passára a Vida chorando-o, a ele que fôra o unico que por ela se sacrificára!!

.....
Ao longe, um rouxinol canta alegremente... Por entre o arvoredo, um abegão, dando o braço a uma camponeza, responde-lhe com entusiasmo:

Viver só para o Amor!
Com o fulgôr da mocidade,
Passar a Vida num beijo
E nunca sentir saudade!

ALDA FORJAZ DE SAMPAIO

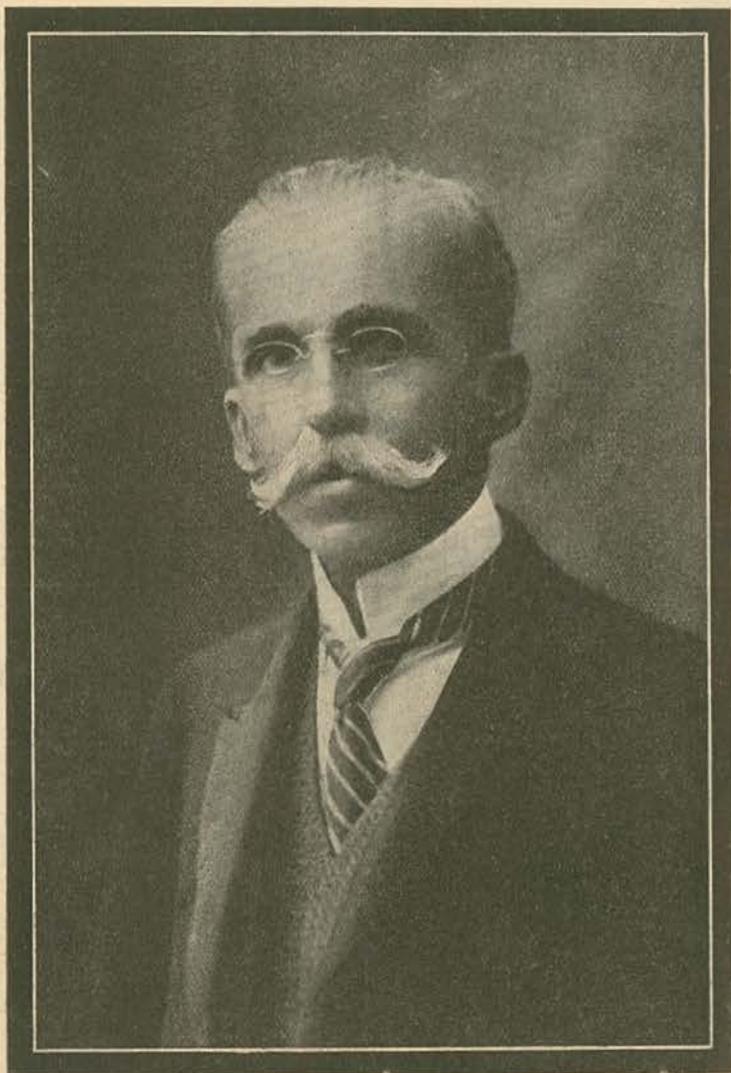
Junho de 1922.

Pessoal electricista do Porto e Caminhos de Ferro de Lourenço Marques



Em cima — Antonio Carvalho Pires, Elias Lopes Gustavo, Americo B. Santos Pereira. De pé — Manoel Moreira, Eugenio de Carvalho, Armando Moraes do Nascimento, Inacio Vaz, José Pacheco, Francisco Siles do Amaral, Lionel de Jesus, Luiz Rodrigues, Alberto Ferreira, Antonio Rodrigues, Antonio Rodrigues Junior. Sentados — Eduardo J. Maia, José de Pauli Reis, Abel Gomes Jardim (Fotografia gentilmente oferecida á Ilustração Portuguesa pelos fotografados)

RUY BARBOSA



Por mais que fosse esperada — a Morte é sempre de se contar com ela e, para mais, Ruy Barbosa de ha muito que se encontrava doente — a noticia do falecimento do grande brasileiro produziu, no nosso meio, o mais profundo abalo. Profundo no sentido sentimental, pelo que, mesmo aqueles que menos o conheciam, sabiam contar, n'ele, os portuguezes, um dos seus mais seguros amigos brasileiros; e tambem no sentido intellectual, pois era, indiscutivelmente, a maior cerebração do Brasil, se não de toda a America do Sul.

Profundo em tudo, d'uma erudição que abrangia quasi todos os ramos do saber humano, não ha pronunciar-se, a gente, sobre se em Ruy Barbosa prevalecia o cultor vernaculo da sua lingua, que é tambem a nossa, se o jurisconsulto de mundial fama, se o financeiro eminente, se o orador de rara eloquencia, se o homem politico emfim, na mais alta acepção da palavra. Do que não resta duvida é de que, integrado na vida politica e social do seu paiz ha mais de 40 anos, foi,

sob multiplos pontos de vista, o maior brasileiro do seu tempo pelo talento, pelo saber, pelo patriotismo e pelo civismo.

A ele deve o Brasil as melhores paginas da sua historia hodierna, escriptas a rasgos de talento e de eloquencia na conferencia da Haia, e tambem na de Buenos Aires, de proficiencia financeira, como ministro do governo provisório republicano, de integridade e de alto espirito juridico, quando da intervenção do Brasil na

grande guerra, intervenção de que ele foi o propulsor maximo.

E a ele devemos, nós, os portuguezes, além da simpatia que sempre pelo nosso paiz manifestou, esse erudito carinho de que, falando e escrevendo, tambem sempre, cercou a nossa lingua, em termos de, no dizer mui acertado de Malheiros Dias, podermos considero um verdadeiro continuador dos nossos classicos.

Por tudo isto, não só o Brasil veste luto. Tambem nós o vestimos. E sentimol-o — que é bem mais que vestil-o apenas.

Exercício de recrutas do Batalhão de Sapadores Mineiros



O general sr. Roberto Batista, comandante da 1.^a divisão militar, passando em revista o Batalhão de Sapadores Mineiros, antes das provas finais de técnica abstrata e manejo de armas, presadas pelos recrutas do mesmo batalhão, no dia 5, na rua Occidental do Campo Grande

A manifestação de terça feira dos Funcionarios Publicos



A Comissão Executiva da classe e uma parte dos funcionarios publicos que a acompanhou ao Parlamento, á chegada ao largo das Cortes

Malheiro Dias em Lisboa

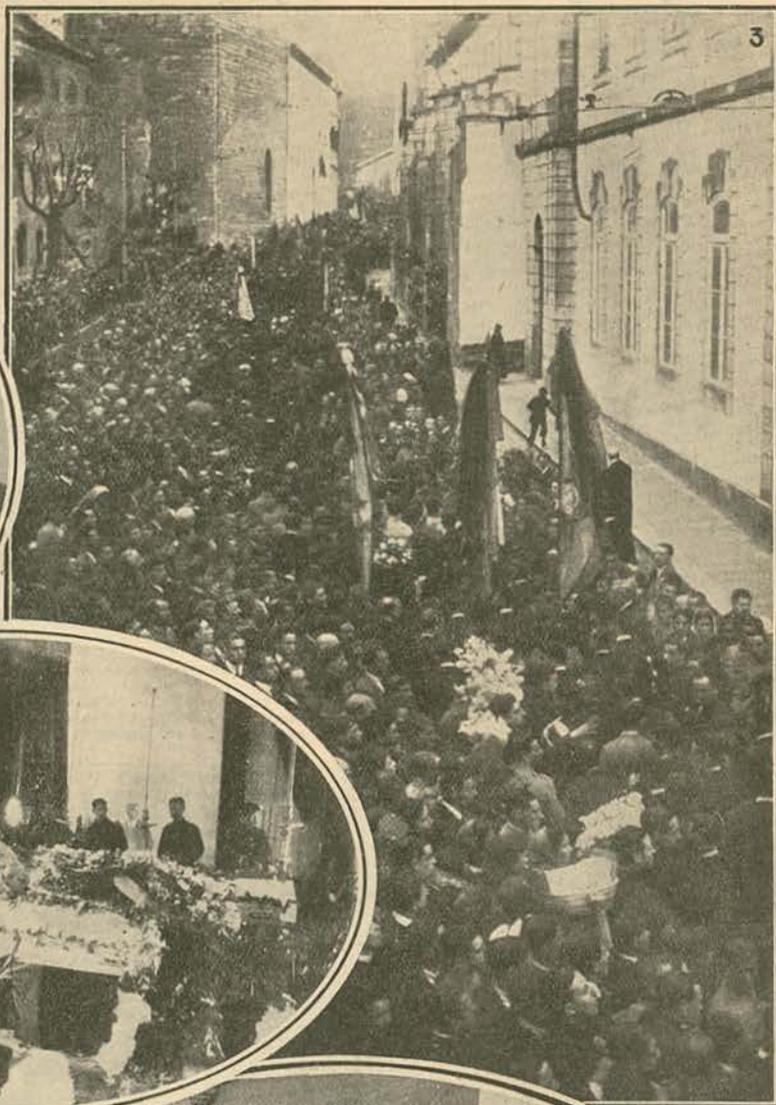


Em reunião do dia 2 do corrente, a Comissão Central dos Padrões de Guerra expressou os seus agradecimentos ao Ilustre homem de letras, sr. Carlos Malheiro Dias, pelos esforços que empregou, como seu representante junto da colónia portuguesa no Brasil, no sentido de angariar os importantes auxílios que da mesma colónia tem recebido o patriótico empreendimento dos Padrões de Guerra. A nossa gravura representa a referida Comissão, vindo-se à direita do general sr. Bernardino de Faria, presidente, o sr. Malheiro Dias.



Uma parte da assistência ao almoço do dia 3, no Café Tavares, de homenagem a Malheiro Dias. Na gravura vê-se o homenageado, tendo à direita o sr. Henrique Lopes de Mendonça e, à esquerda, o sr. ministro da Instrução, o secretário da Presidência da República, o sr. dr. Jaime Cortezão, etc. Em frente de Malheiro Dias os srs. dr. João de Barros, ministro dos Estrangeiros, dr. Julio Dantas, etc. (Clíché Salgado)

Ainda a catastrophe de Coimbra



1—Antonio Ferreira Pereira, uma das victimas do incendio

2—Saul dos Santos, outra victima

3—O funeral das victimas (foram 14 e não 15 como primeiro constou) na rua Olympio Nicolau Fernandes

4—A camara ardente, na Camara Municipal de Coimbra

5—A mesa que presidiu á reunião dos conimbricenses residentes em Lisboa, realisada, no dia 4, no Centro Dr. Manuel d'Arriaga, reunião em que tomaram importantes resoluções relacionadas com a terrivel catastrophe.

Casas Independentes

UMA casa independente é um luxo natural e fácil para os ricos, mas que, ainda assim, nem todos os ricos teem, porque muitos se contentam, toda a vida, habitando um andar confortavel num predio de inquilinos. Mas habitar uma casa independente de que se seja proprietario é, hoje em dia, na cidade principalmente, um ideal de opulencia, uma fonte de socego, um refugio de paz.

O rico que vive numa casa independente e que é sua, é duplamente rico e o pobre que por um concurso feliz de circunstancias possua o mesmo bem, pode considerar-se senhor de uma riqueza inestimavel e de que nenhuma ambição deve desapossalo.

Em Inglaterra, na fria e compassada Inglaterra, que tanto aprecia, que tanto procura o recato e a tranquillidade do seu «home», qualquer modesto burguez, qualquer simples operario tem a sua casa independente, dentro de um jardim bem tratado, casa singela, mas bonita, com as suas largas janelas envidraçadas com cortinas de cassa e os seus vasos de flores. Na primavera, vendedores ambulantes trazem em pequenas carrocinhas de mão vasos já floridos e, repentinamente, a neve desfaz-se e as janelas aparecem guarnecidas dessas flores prematuras, creadas nas estufas e vendidas a preços accessiveis.

Em Londres, ha bairros inteiros de casas independentes, graciosas de aspecto, interiormente confortaveis, e assim, mesmo os medianamente abastados, mesmo os pequenos trabalhadores, teem uma vida pessoal, uma casa propria, um lar agradavel.

Em Portugal, é raro encontrar um desses ninhos que nos dão uma ideia de bom gosto, de alegria, de conforto benéfico, na relativa pobreza dos que trabalham. Se é tão difficil con-



Uma das casas da estrada do Loureiro

seguir-los aqui! Mesmo na provincia, não é muito vulgar a graça na casinha pobre, apesar da natureza nos dar prodigamente verdura e flores que lhe sejam enfeite. E seria tão facil aproveitar, na casa dos camponeses, o velho modelo portuguez da casa abarracada, com alpendres e poiaes, tão simples e tão bonito!

Sobretudo nas proximidades de Lisboa, a casa modesta é feia e desguarnecida, sem pitoresco, como essa pequena casa na Outra Banda, que, mesmo na fotografia nos parece sem gosto e sem carinho, embora já tenha as suas meias cortinas e um começo de trepadeira.

Nos quintaes o aspecto é quasi sempre mais agradável, porque as arvores e o poço dão-lhe vida, são o elemento indispensavel para que o quintal tenha fertilidade e sombra e emprestam-lhe tambem a nota graciosas. Para a gente da provincia uma casa sem quintal e sem poço é sempre incompleta e difficilmente os provincianos se habituam, na cidade, a ter agua

por conta e pateos ou varandas substituindo o quintal.

Ha tempos, num dos nossos passeios atravez dos velhos bairros de Lisboa—desta Lisboa, luminosa e linda, a que quero tanto, que sinto no coração como a sentia o visconde de Castilho, o poeta erudito, o portuguez extremo que tanto carinho e tanto enlevo poz na sua «Lisboa Antiga»—num desses longos passeios encontrei, na estrada do



Outra casinha da estrada do Loureiro

Loureiro, perto da Fonte Santa, num sitio a que chamam, se bem me recordo, o Casal de Colares, um grupinho de casas independentes, que estão longe ainda, realmente, do aspecto do «home» operario inglez, mas que me deram uma impressão boa de pobreza remediada e feliz, agasalhada, com o seu ar de aceio, com a sombra das suas parreiras, com as cortinas das suas janelas, com as suas trepadeiras nas paredes e até mesmo com a sua roupa branca a enxugar ao sol...

Conversei com os proprietarios dessas casinhas atraentes, simpaticas, e receberam-me com ar presenteiro de pessoas de bem, vivendo uma vida serena, provinciana, no meio desses bairros tumultuosos, a que me pareceram completamente estranhos, tão perto da cidade agitada, que mal os interessa. Vivem ali, nas suas



Os proprietarios das casas com quem a autora conversou

casas, sem preocupações de inquilinato, com o dia de amanhã relativamente assegurado, naquella doçura de possuírem um tecto seu, um palmo de terra com as suas flores, as suas couves ou as suas galinhas.

No decorrer da conversa, todos com um vivo interesse de proprietarios, me falaram das decimas, achando-as muito caras, muito pesadas para umas cas-

sinhas tão pequenas e que estão sempre a precisar de obras...

Os homens novos estavam no trabalho e só lidavam nos quintaes e em casa as mulheres e os velhos.

Algumas creanças brincavam ao sol, mas ainda tinham, infelizmente, esse ar franzino e doentio das creanças da cidade, um pouco estranhas ali, num alto soalheiro e lavado de ares, que deveria ser naturalmente higienico.

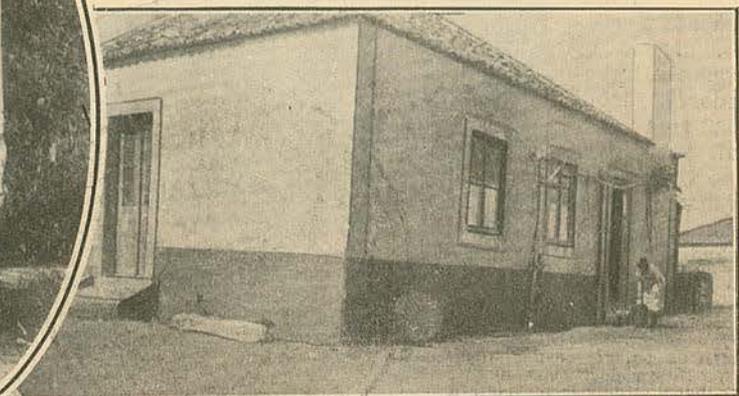
Passei agradavelmente a manhã, passeando, observando, conversando.

O contacto directo com a alma do povo, do verdadeiro povo, honrado, serio, trabalhador, afectuoso, parece-me cada vez mais interessante, mais necessario, mais digno de ser pensado e cultivado sinceramente. E creio que dessa aproximação podia vir, numa união bem entendida, o grande ressurgimento do paiz, pela paz e o trabalho.

Maria de CARVALHO.



No quintal — O poço



Uma casa na Outra Banda

Os Tesouros de Tout-Ankh-Amon

O facto, em si, é já conhecido. Como a sua importância científica, que não dá ensanchar a contestações, sequer a discussões. Dois sábios egíptologos ingleses, lord Carnarvon e Carter, inspector dos serviços das antiguidades, apoz demoradas e pacientemente as investigações, conseguiram descobrir o local onde presumivelmente mas, já agora, com todas as garantias de segurança, se acha sepultado o faraó Tout-Ankh-Amon.

Fez parte, este faraó, da XVIII dinastia tebaica, sendo escassíssimos os dados que existem não só sobre ele, como sobre a própria dinastia. Sabe-se contudo que Tout-Ankh-Amon

foi o último soberano dela, pois um seu ministro, que veio a governar sob o nome de Seti I, lhe sucedeu, fundando a XIX dinastia do antigo Egito.

Assim, não admira que, até sobre a grafia do nome do soberano em questão haja dúvidas. Escrevem, os ingleses, esse nome, *Tutankamen*; mas os francezes, conforme o conselho autorizado do professor de egiptologia da Universidade de Strasburgo, P. Montet, grafam-no *Tout-Ankh-Amon*, grafia que, pela nossa parte, também adotamos, pelo menos até que os nossos sábios da especialidade digam de sua justiça.

Parece ter sido em novembro do ano findo que os investigadores penetraram no real hipogeu do Vale dos Reis, desde logo a imprensa ingleza fazendo enorme ruido com o caso. Algumas semanas decorreram, contudo, sem que esse ruido encontrasse eco de maior nos outros paizes, desconfiados, os respectivos especialistas, de que a descoberta atingisse, de facto, a importância que os ingleses lhe atribuíam.

Porém no dia 18 de fevereiro, com a assistência, ao acto, da rainha da Belgica, do príncipe Leopoldo, de lord Allenby e da sulta-



A sentinela de Tout-Ankh-Amon

(Uma das duas estatuas, em tamanho natural, que guardam o mausoleu)

na viuva, os dois felizes egíptologos, procedendo á abertura da terceira camara, ainda emparedada, do tumulo do faraó, restituíram á luz do dia maravilhosos tesouros que all jaziam ha trinta e cinco seculos!

No dizer dos cronistas, produziu-se um verdadeiro deslumbramento entre as pessoas presentes. Preciosísimos objectos de ouro e pedrarias, falanças, moveis de arte, um *mare magnum*, emfim, de coisas, não só de uma riqueza estupefacente, como reveladoras de uma perfeição artistica que estava longe de se supor em artífices de tão remotas épocas. E não só na primeira sala, como numa outra, prevendo-se que outras ainda revelarão novas e maiores maravilhas, pois propriamente o corpo de Tout-Ankh-Amon, ainda não foi encontrado.

As investigações que tiveram de ser suspensas, agora, por causa do excessivo calor, prosseguirão no proximo outono, só então se podendo avaliar bem toda a importância que, sob o ponto de vista scientifico, atingirá a descoberta. Dessa importância dá idéa, porém, desde já, num artigo publicado por *L'Illustration*, o sabio eminente a que acima nos referimos, P. Montet, o qual escrevendo, aliás, ainda quando apenas a primeira camara do hipogeu nos havia sido revelada, já afirmava que essa descoberta eclipsa todas as anteriormente realisadas, acrescentando:

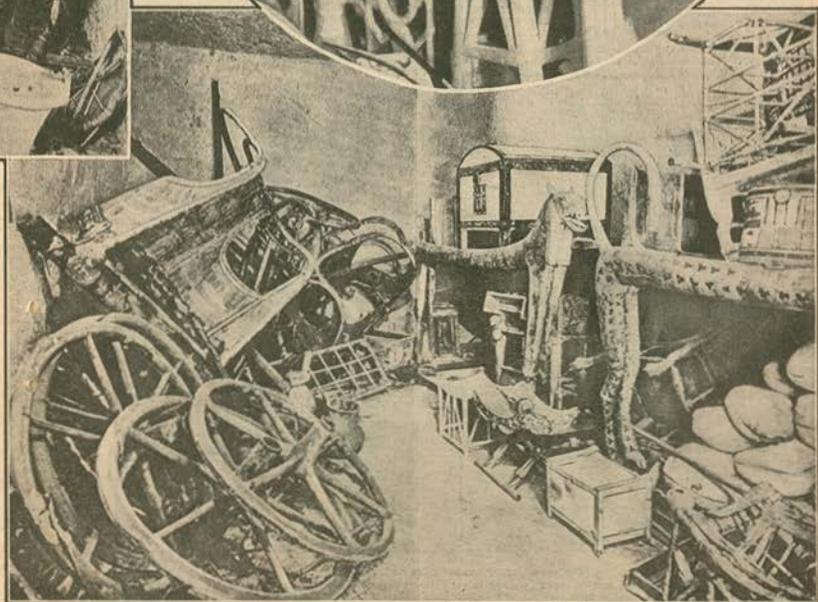
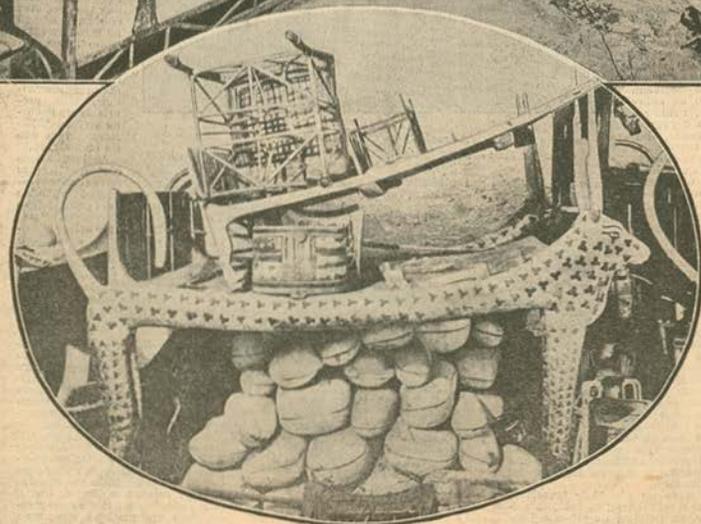
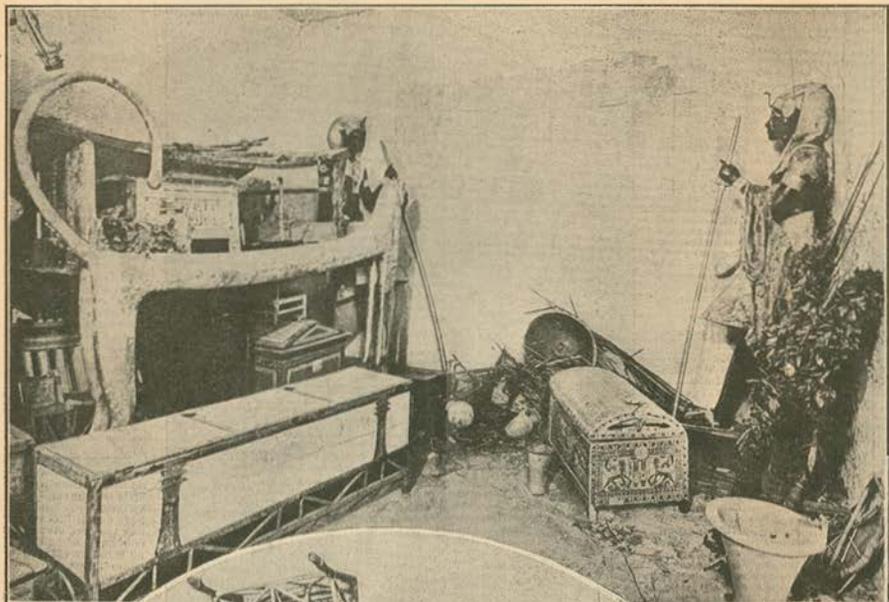
E' como o dia e a noite. Não se trata, desta vez, de objectos fabricados com materias de segunda ordem, para serem collocados no tumulo. E' o mobiliario pessoal do rei Tout-Ankh-Amon que nos é restituído e não ha louvores que cheguem para a riqueza e gosto delicado da sua ornamentação.

Os vasos de alabastro e os cofres oferecem-se mais belos que no dia em que foram reuocidos do atelier, pois é perfeita a sua conservação e receberam essa patine maravilhosa com a qual só o tempo valorisa as obras de arte. E estas remontam a trinta e cinco seculos. Para a arqueologia, representam uma mina inesgotavel. Apenas conne-



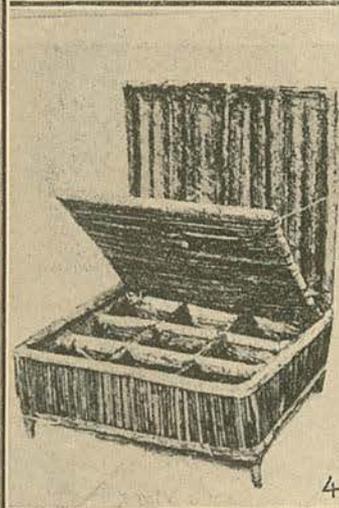
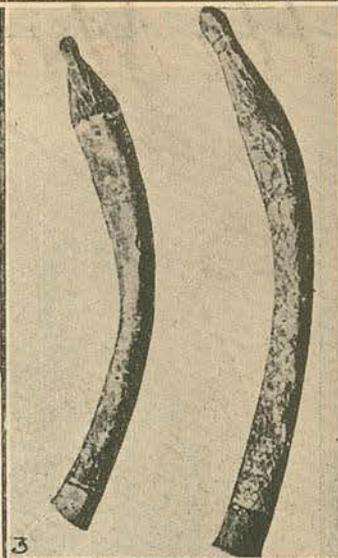
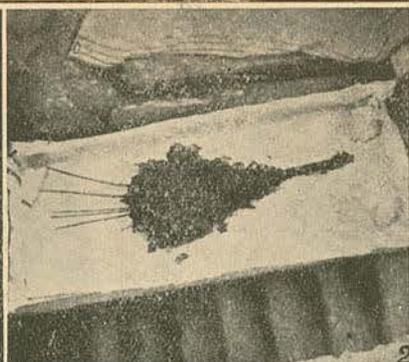
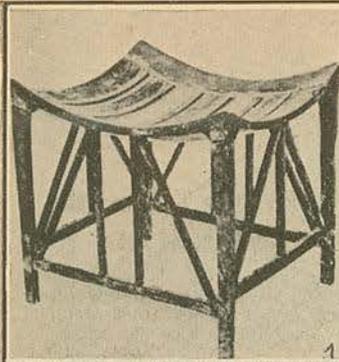
Tout-Ankh-Amon

A ante-câmara do tumulo de Tout-Ankh-Amon



As duas estatuas que todelam a porta emparedada da camara funeraria.
Mobiliario e provisões destinadas a alimentar a salmas do rei

Soberbas anforas tumula-ri de alabastro, com duas mãos desenhadas e a inscrição: 100.000 anos
Carruas e carrus douradas e um trono de ouro e pra a

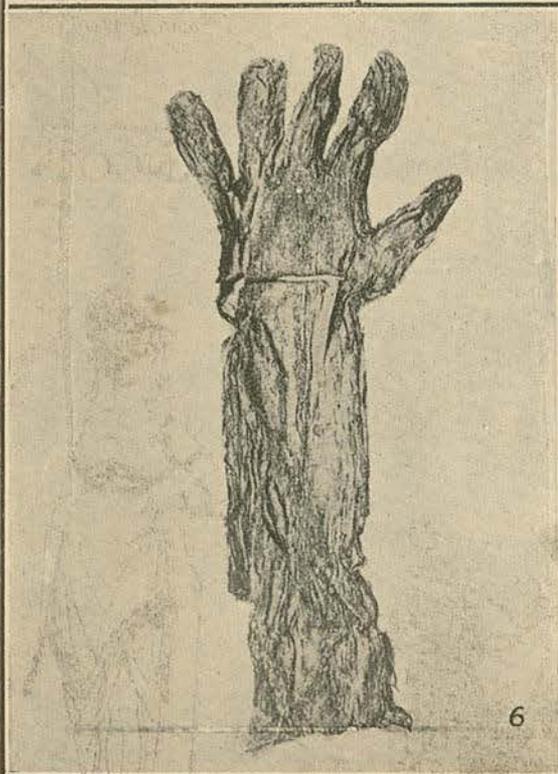


...cemos os costumes egípcios pelas es-tatuas e os baixos-relevos, documentos muito preciosos, sem dúvida; mas o que está pr. stes a sair dos cofres, tão mara-vilhosamente ornamentados, são os pro-prios fatos do rei, as suas sandálias, os seus coxins, as suas bengalas.

E, contudo, antes mesmo que se haja podido colocar em lugar seguro esses tes-souros, a imaginação transpõe, já, a parede ainda inviol. da em frente da qual se erguem as duas estatuas de eba-no e ouro, que separa a primeira ca-mara do túmulo do corredor no fim do qual se encontra o sarcófago. Que se descobrirá, uma vez essa parede solem-nemente apeada? Os optimistas preveem uma colecção de arquivos, a correspon-dencia pa. licular do s.berano.

E cada qual pergunta se o Vale dos Reis não ocultará, ainda, mais algum fabuloso esconderijo.

.....



Outros objectos encontrados no tumulo

1, Banco com assento de ebano e marfim e pés de madeira vermelha, muito leve, mas solidamente construido.—2, Bouquet fun. erário.—3, Sicks de ouro e falanga para jogos de spoj. L.—4, Cofre de vime com dupla tampa e 9 compart. entos.—5, Tambo rete de ebano, incrustado de marfim, com ferragens de ouro.—6, Luva de tecido, para mão de creança.—7, Romeira e touca de creança, de fino linho, guarnecidas de sequns de ouro.

Ha Muitos Anos...



A estreia em Berlim de Viana da Mota, e mo pianista, ha 40 anos

Do *Diario de Noticias* de 18 de fevereiro de 1883 recortamos os seguintes trechos de uma noticia relativa á estreia, em Berlim, do grande pianista portuguez Viana da Mota:

No concerto dos alunos do conservatorio Scharwenka, na Philharmonica de Berlim, em 29 de janeiro ultimo, figurou pela primeira vez o discipulo portuguez Viana da Mota; e ali está estudando a expensas de el-rei D. Fernando e da sr.^a condessa d'Edla. Assistiram a esta sessão artistica cerca de duas mil pessoas, que tantas comporta aquela sala de concertos. Viana da Mota foi muito aplaudido, tendo quatro chamadas, e sendo cumprimentado por inumeras pessoas, que todos queriam vê-lo de perto e dirigir-lhe a palavra. A imprensa alemã, falando d'este concerto, refere-se com fervor ao nosso pequeno pianista.

O executante não se mostrava presunçoso, mas parecia entregue de corpo e alma á musica que tocava. Assim teria feito Mozart em criança! Tocou os cantos com muito sentimento e colorido e as passagens dificeis foram admiravelmente executadas, com clareza e perfeitamente graduadas.

(Gravura representando Viana da Mota, aos 5 años, reproduzida da *Ilustração Portuguesa*, n.º 117 de 18 de maio de 1909).

O CINCOENTENARIO DE «A FILHA DE M.^{ME} ANGOT»

Celebrou-se em Paris, em 21 do mez findo, o cincoentenario da estreia, naquela cidade, da popularissima opereta de Lecocq, *A Filha da Senhora Angot*. E' de notar que esta peça já se representava antes, em quatro de dezembro de 1872, no teatro Fantaisies Parisiennes, de Bruxelas, por, em consequencia da situação em que ao tempo se encontrava ainda a França, combalida pela guerra de 70, não oferecerem garantias de concorrência os teatros de Paris. Assim, foi na Belgica que subiu á scena pela primeira vez, logo com grande exito, a esplendida opera comica que os parisienses aplaudiam tambem, mezes depois, isto é, em 21 de fevereiro de 1873, no teatro Folies Dramatiques.

A Filha da Senhora Angot teve a sua primeira representação em Lisboa, na Trindade, tambem com enorme successo, em 29 de março de 1876, ou seja tres anos depois.



Paule Macie, na *Clairette Angot*



Luco, no Larivandière

Dupin, no Pomponnet

Os creadores da peça em Paris



Desclausas, na *Mademoiselle Lange*

"Estrelas" e "Azeres" do Cinema



Ressue Hayacawa, um dos melhores artistas da scena muda

sob o governo do Directorio, cheio de peripecias extraordinarias, que no «écran» conseguiram tomar uma realidade surpreendente.

— Tom Terris, representante da Gaumont no Cairo, foi uma das primeiras pessoas que, com «lord» Carnavon, entraram no tumulto de Tout-Ank Amen, tendo filmado as principais scenas da investigação. A nova pellicula está despertando grande curiosidade no mundo scientifico, pela magnifica documentação que consttuei da entrada no

tumulo, disposição dos objectos encontrados e mesmo a sua constituição, que sem duvida se poderá admirar bem, pois o «studio» Gaumont decerto produzirá um «film» digno de figurar entre os seus melhores trabalhos,

— Antonio Moreno, o protagonista do «Naulahka», de quem demos uma fotografia no nosso numero anterior, casou ha dias com Mrs. M. Dantziger, de los Angeles.



Katherine Mac Donald numa das suas ultimas criações

— Nos Estados Unidos acaba de aparecer um «film» de véras original: «Trinta anos de cinema», em que são exibidas algumas scenas das mais antigas produções americanas. Com bastante espanto se notou que Mary Pickford parece muito mais nova nas suas recentes produções que nas de ha já alguns anos. Num velho «film» de 1909, em que Mary tomou parte, aparecia com a sua linda cabeleira loira, os seus olhos inconfundiveis, mas, sem duvida, por deficiencias da fotografia, da luz não tão bem regulada, talvez mesmo da propria maneira de vestir, sem a mocidade e a frescura, que hoje ninguem lhe contesta e todos admiram.

Dorothy Dalton, a formosa actriz da Paramount

— A casa Gaumont acaba de «filmar» uma pellicula magnifica: «O caso do correio de Lyon», drama passado no IV ano da era revolucionaria,

A exhibição do «film» «Crainquebille», realisado sob a direcção de Jacques Feyder, segundo a obra de Anatole France, foi proibida na Belgica. O caso, porém, foi levado á Camara e Senado belgas, resultando da dupla interpeção «Crainquebille» ser autorisado; Se tal caso se tivesse dado para lá do Atlantico, seria para

se classificar de um bom reclame á americana...

— Obtiveram grande exito, em Paris, as duas ultimas produções da Paramount, «O direito á vida», com Betty Compson na protagonista, e «O idolo do norte», interpretado por Dorothy Dalton.



FIGURAS & FACTOS

Major Bento Roma

Governador da Lunda e comandante das forças que acabam de ocupar o território do angulo nordeste daquelle districto e os vales do Chitumbo e do Luembo, onde o indigena angolense ainda se mantinha em rebelião, concluído, assim, a occupação militar de toda a provincia de Angola



EDUARDO VIANA
Gala exposto de pintura foi inaugurada no dia 3, de S. S. das Be-las Artes



Francisco Nepomuceno Cardoso

Chefe de repartição do Governo Civil de Lisboa e o empregado mais antigo do mesmo Governo Civil. Conta 60 annos de serviço e quasi 90 de idade

Alfredo Keil

Ilustre maestro português, à memoria do qual uma com-missão de amigos acaba de prestar homenagem, promoven-do a reprise, em S. Carlos, no dia 7 do corrente, da sua esplendida opera Serrana



Comemoração do 120.º anniversario da fundação do Colegio Militar

Grupo de antigos alunos e alguns dos modernos, vendo-se, ao centro, o director do Colegio, general sr. Bernardino da Faria, e, junto deste, João Faria, conhecido pelo Picanço, o mais antigo empregado do estabelecimento

Carlo de Moura Cabral

Antigo chefe de repartição do Mi-nisterio da Justica, escritor e jor-nalista, falecido no dia 1 do cor-rente

Aida Forjaz de Sampaio

Autora do interessante con-to A falta de um pai, que publicamos hoje, e com que realisa a sua estreia literaria



Anibal Augusto Silveira Machado

Coronel do exercito ultramarino, condecorado com a Torre e Espada, falecido em 25 do mez findo



Ainda o 19 d'Outubro

Os reus no tribunal, vendo-se no primeiro plano, o guarda-marinha Benjamin Pereira s, no segundo, o Dente de ouro (3.º, a contar da esquerda)



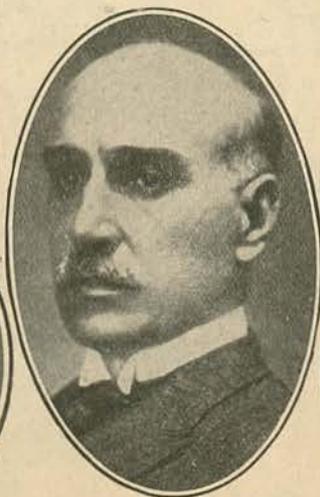
A illustre professora de piano D. Maria Quizros e os seus alunos, por occasião da audição realisa-la em sua casa no dia 1 do corrente

(Chôças Salgado).

O EXTRANGEIRO EM FÓCO



Chegada ao Rio de Janeiro dos aviadores brasileiros srs. Pinto Martins e Hinton, que recentemente realizaram a travessia aérea Nova York—Rio de Janeiro, em circunstâncias por vezes arriscadas, dando, assim, prova não só de admirável coragem, mas de consumada proficiência aeronáutica



José Serrate

Novo presidente da Republica Oriental de Uruguay, que tomou posse desse alto cargo no dia 28 do mez findo



O duque de Brabante, e a princeza Mafalda, segunda filha dos soberanos italianos, cujo casamento, chegou a ser dado como certo, embora depois a noticia fosse desmentida

O jockey Jack Antony e lady Ursula Grosvenor, filha do duque de Westminster, apesar da diferença de condição e fortuna dos noivos, o seu casamento realizar-se-ha brevemente em Londres



Teatros

VIRIATO, no Nacional
A RIBEYRINHÁ, no Politeama

PO: Jupiter, Venus, Ceres e todos os outros deuses olímpicos vos juramos que Viriato, passando de guardador de gado a comandar lusitanos contra as hostes da dominadora Roma, perdeu toda a serena compostura de ademanes e falas, própria de quem viveu nas concavidades silenciosas das serranias, e foi, 140 anos antes de Cristo, o precursor dos bachareis formados em Direito aí por 1850 da nossa era! O que ele diz, em quantidade e qualidade, já á menina Egeria, filha do pro-consul Quinto Maximo Serviliano, como muito experiente em amavios e traças de fêmeas—ou ele não tivesse lidado com cabras!—já ao dito pro-consul e a seu delegado Pampilho, como muito sabedor da política do senado romano, e Isas são para se ouvirem e não se acreditarem, se não fossem abonadas por pessoa de tão bons credits e tão lida na mitologia e na historia romana, como é o sr. Luna d'Oliveira, autor da *Moreninha* juntamente com o seu muito amigo e pagueirista Paulo da Camara.

Como a nossa raça foi sempre de palradores, ó mães de Cícero! Vê-se agora que mamámos a facundia nos selos fartos das lusitanas e que a prosa rica, de que ha dias nos falou o eminente professor Agostinho de Campos, já a conhecia Viriato, avariada com francesismos, como depois veio a ser, e arredondada com adjectivações sem realce e com imagens retoricas, em situações onde o grito seria a expressão que melhor moveria as almas, onde seria a eloquencia maxima.

E vê-se quão de longe vem o nosso animo e o nosso estolicismo!

Seculo e meio antes de Cristo prégar a emancipação, já as escravas lusitanas, como a Herminia da peça do sr. Luna de Oliveira arrancavam o punhal das mãos de suas senhoras, sem que estas esboçassem o menor castigo, e já então era tal a nossa tempera e a nossa corajosa imodestia que, na agonia chamavamos robes a nós proprios e legavamos aos vindouros o glorioso sangue, quando não estava presente quem nos gabasse!

Sim! sempre assim fomos, grandes, triunfais e superiores ás misérias da carne a despedaçar se — e bem fês o sr. Luna de Oliveira em no-lo lembrar, para ensinamento dos pessimistas de nossos dias, aos quais diremos, se sorrirem quando compararem a musculatura do sr. Rafael Marques com as tibias descarnadas do sr. João Lopes, que tais particularidades anatomicas são, na tragedia do *Nacional*, puramente simbolicas: representam o patriotismo luso—que na lusitana sr.^a D. Maria de Vasconcelos teria insufficiente relevô—em contraste com a *tibieza* dos invasores...

ria Pais Ribeiro, a *Ribeyrinha* de D. Sancho II e dos srs. Francisco Lage e João Corrêa de Oliveira, exposta á admiração geral no Politeama, parte em redondilha branca, parte em colorida prosa.

Inglorio, poré, é o lastimoso fim dêsse Lourenço. Muito menos intelligente do que Viriato, deixa-se enredar nos fingimentos da croia, que muito se honrava em ter filhos d'um rei e muito se ofendia, com seus parentes, em ceder a um fidalgo, e, quando com toda a propriedade podia denominar-se roble—é o sr. Robles Monteiro quem faz o papel—cala-se e entrega submisso a cabeça ao cutelo do algoz, sendo-lhe facultado morrer magnificamente na ponta d'uma espada!

Quanto a fecundia, vê-se que no alvorecer do seculo XIII tivemos uma interrupção salutar, mas então a linguagem dos nossos tornou-se incompreensivel, principalmente em bocas de jograis. Ainda bem que os srs. Corrêa de Oliveira e Francisco Lage esgotaram todos os seus conhecimentos de terminologia antiga nos dois primeiros atos da peça, resolvendo-se, por fim, a fazer falar as suas personagens como qualquer de nós; se assim não tem acontecido, o signatario desta especie de cronica não poderia dizer da *Ribeyrinha* senão que continuava a ter pela sr. D. Amella Rei Colaço a muita consideração que se deve a uma senhora dotada de raro talento e vontade firme!

MARIO COSTA.



Luna de Oliveira, autor do Viriato



Francisco Lage



João Corrêa de Oliveira

Autores de A Ribeyrinha

Atravez dos tempos esta tesura foi-se propagando, e é assim que quatrocentos anos depois, a encontramos em Lourenço Viegas, o que morreu de amor por D. Ma-

O EXEMPLO PORTUENSE

O que deve ser
um «café»
como reunião
d
sociedade

Os cafés em Portugal têm sido até agora exclusivamente al-fobre de revolucionarios prof-fissionais, ponto de reunião transaccional de comerciantes mil-clanos ou apagado espar cimento do caturrismo da velhice. Era necessario reformar, pois, essa dura fisionomia de um genero de distracção e affluencia social que pôde desempenhar na vida de comunicacção um papel extensivo a todos — homens e senhoras.

Os cafés em Espanha podem servir de exemplo. São o segundo lar da familia. As senhoras, em agrupamentos familiares ou de relações de intimidade frequentamos, animamos com a sua gentileza, dignificamos com o seu respeito.

Com este criterio acaba de dar-se entre nós o exemplo do que deve ser um café. Trata-se do novo estabelecimento desta classe, que vem de inaugurar-se num dos grandes pontos centrais do Porto, á entrada da rua de Santa Catarina. É um dos mais nobremente suntuosos que conhecemos, pelo que se justifica bem o seu titulo: **Magestic**. Tem um salão grandoso de cubagem e beleza decorativa e um serviço em que se revela uma distincção e uma urbanidade incomparáveis.

As senhoras da melhor sociedade portuense frequentam-o e aqui está o exemplo aberto para uma nova e grata função do café no nosso país. É que a frequencia fôra seleccionada, de molde a constituir-la a *elite* da capital do



Fachada principal do Café Magestic



Aspecto do salão

Porto. Os medicos, os advogados e as demais categorias da mentalidade, do gosto e do espirito.

Apesar desta selecção, as pessoas que ainda não se habituaram a frequentar o *Magestic* e que se podem alli sentir condignamente — entram sem acanhamento, porque lá não encontram o exclusivismo de reducto que caracteriza a maioria dos outros cafés — «fortes char-bros» das conjuras, antipaticos escritorios do milliclanismo.

A iniciativa do magnifico melhoramento deve-se a um nucleo de rapazes incansaveis e inteligentes que o ultimo amam o progresso da cidade invicta. Trata-se pois de um grupo de bons amigos a quem dirigimos os nossos gratos e efusivos parabens em nome do incremento urbano do Porto.

Porto, Fevereiro de 1923.

André de Moura.



— Quizer, meu amor, ter emprego assim, as tuas mãos nas minhas!...
 — Por que?...
 — Para tu não toares piano...
 (De *L'Intransigeant*.)



— Porque é que tu não te pentetas?
 — Po que não tenho pente...
 — E porque não pedes um pente a amanhã?
 — Para não ter que me pentear...
 (De *Petit Parisien*.)



— Não senhor! Tu a empresa, além do aumento de ordenado e das toilettes, se compromete a oferecer, todos os meses, um banquete à minha filha, ou ela já não representa esta noite!
 (De *Bueno Humor*.)

SEARA

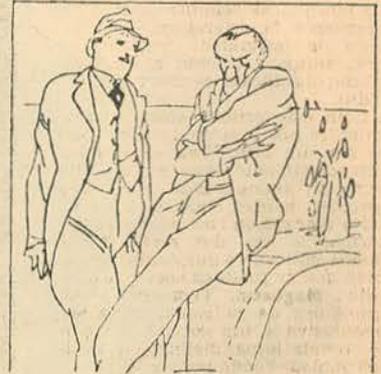


— Muito obrigado, meu querido amigo, por ter vindo até aqui. O cemitério fica tão longe!
 — Mas, pelo contrário, eu é que lhe estou agradecido. De vez em quando, um passeio maior, até faz bem à saúde!
 (De *Le Rire*.)



— Este quadro não é mau. O diabo foi o auctor ter-se esquecido de lhe meter perspectiva...
 — Onde querias tu que ela metesse?! Não ves que está tudo chelo?
 (De *L'Intransigeant*.)

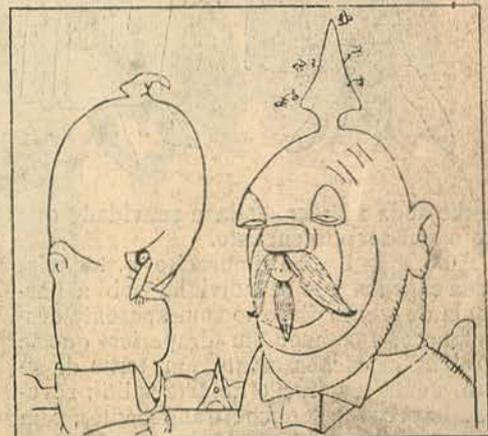
ALHEIA



— Não imaginas com que pena estoudo meu chauffeur!...
 — Foi vítima d'algum esastre?
 — Foi. Foi lu com minha mulher...
 (De *Excelsior* (Mexico).)



— Vamos, vamos, Isidoro, não ha nada que me convenha nesta montra!...
 (De *L'Ouvre*.)



O ALEMÃO — Como eu te invejo francez, ao ver florescer no teu crâneo o que dantes florescia no meu!...
 (De *El Sol*.)



«silhouette» moderna tem características inconfundíveis.

Se confrontarmos com ligeira atenção a linha da «toilette» moderna, com a que ha anos para cá tem merecido as simpatias das senhoras elegantes, sentimo-nos prestes a afirmar que a primeira nada de inédito oferece, que é apenas uma repetição da que predominou ha uns 7 ou 8 anos.

Mas não é assim.

Se bem que esguia como a de então, a linha actual tem um cunho de acentuado modernismo, modelando a mulher a traços finos, «elancés», guardan-



do-lhe toda a graça, toda a suavidade que são o seu secreto encanto.

Tudo nela é vago, impreciso, e, todavia, a sua plasticidade que se adivinha sob a harmonia do tecido disposto com aparente despretenção, apanhado em «draperies» que se enrolam caprichosamente em torno da figura, numa inspiração de arte subtil, revela-se impecável, sem constrangimentos, sem a deplorável «raideur» que anos atrás caracterizava a elegancia feminina.

É — milagre de transformação! — como que a submeter-se ás determinações da

Figura Elegante



moda, que afasta da sua «entourage» o tipo de beleza que outr'ora triunfou e que foi perpetuado pela imortal Venus de Milo, a plasticidade feminina adelgaça-se, adelgaça-se, e já hoje, — na cidade, bem entendido, — poucos tipos de beleza classica da mulher portugueza se nos deparam prepassando na orbita da alta elegancia.

O que não conseguirá a vontade humana quando governada pela mais omnipotente de todas as soberanas, — a moda?

E o caso é que a «silhouette» feminina tem lucrado com

a ideia a que o' edece a sua modelação moderna. A mulher de hoje tem qualquer cousa de imaterial que a aureola de uma graça subtil e impressionante.

Já por diferentes vezes aqui afirmámos que na forma geral, ou antes, na sua ideia basica, a moda permanece quasi estacionaria, tão lenta é a sua evolução; mas pelo que respeita aos pormenores, que constituem como que variações inspiradas e regidas por um tema inicial, essas sofrem constantemente modificações e assim vão lentamente modificando o todo sem lhe alterar a forma.

Por exemplo: as saias são agora francamente compridas, e tão compridas que só podem ser consideradas como rigorosamente modernas as que encobrem os tornozelos, mas conservam-se

tanto ou mais estreitas do que eram quando pouco passavam do joelho, — com grande escandalo do bom gosto, do criterio e... da decencia.

As cinturas são baixas ainda, mas não tanto como se chegou a marca-las. Colocadas sobre as ancas, alongam o busto, dão-lhe uma graciosa flexibilidade que os quebraamentos do tecido, que acompanha ao de leve as linhas do corpo sem as marcar definidas, acentua segundo o capricho dos movimentos.

As mangas são longas, — o gosto pelos braços nus empalideceu um pouco, talvez por conselho da razão que não podia ver tantos desnudamentos em plena rua, á mercê das mais inesperadas e, quantas vezes! — humilhantes apreciações! As mangas são, portanto, compridas, mas de preferencia estreitas, moldando o braço e descendo um pouco sobre a mão que



assim parece mais pequena e fina.

O que não sofre duvida é que a moda de momento busca a «parer» a mulher com aquele ar da suprema distincção que revela, a distancia, a mulher artista, a mulher de bom gosto, essa que os olhos contemplam seduzidos e o coração reverencia perturbado.

Agarena de LEÃO.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

INTERROGANDO... por Maria Leonor Reis

De uma família de artistas, filha do grande mestre Carlos Reis e irmã de João Reis, outro pintor de incontestável mérito e que conseguiu, em plena juventude, uma sólida reputação, Maria Leonor Reis afasta-se da corrente poética feminina que, nos últimos tempos, aí vem, a engrossar de um modo não diremos assustador mas gravemente sintomático. *Interrogando...* é um punhado de sonetos que saem fóra da banalidade e nos quizes se adivinha uma inteligência que paira muito acima dos acanhados horizontes em que se confinam outras poetisas igualmente jovens. Ha um sentido filosófico nos versos de Maria Leonor Reis; não a preocupam os fúteis, amígdia piegas, amores ternos que as outras de preferência rimam numa toada que já sabemos de cor. Nas estrelas e nas sombras, nas nuvens e trevas, no alem e na noite, se encontram os motivos de inspiração da autora a quem, decerto, é grata a poesia de Antero, muito embora ninguém possa com justiça afirmar que ela tente imita-lo. O vago pessimismo de *Interrogando...*, título que exprime espirituosas ancelos e curiosas incertezas, lembra-nos o artista-filosofo a quem o Nirvana seduziu e prostou. Desejaríamos que a talentosa menina se emancipasse dessa tortura e esperamos que, em futuros labores, assim suceda. Sobram-lhe os predicados para ser, no meio intelectual português, uma distinta e nobre personalidade.

SEDUÇÃO, por Olinda de Oliveira Gonçalves

Mais sonetos de amor! E forçoso é confessar que entre eles se deparam alguns de excelente leitura. Insistimos em dizer que a arte de Virginia Victorino profliferou. Ama-se hoje, mais do que nunca, em sonetos, pelo menos.



Olinda de Oliveira Gonçalves

Olinda de Oliveira, se não logra uma constante perfeição, porque sacrifica a qualidade á quantidade, demonstra, no entanto, aptidões poéticas muito apreciáveis. As cartas de Soror Mariana Alcoforado acham-se traduzidas em varios estilos, por variadíssimas e experimentadas penas. Não nos espantará que qualquer dia elas surjam traduzidas em verso. Os seus concelhos andam espalhados e glosados em numerosas pa inas femininas de envolta com outros que não são eternos, e constituem uma parte do recheio destes sonetos de amor e dos que do mesmo genero, aí surgem a cada passo. *Sedução* tem direito, porém, a que o não confundam com o maior numero, ainda mesmo perdoados varios deslizes quanto á forma e algumas trivialidades quanto ao fundo.

VIRGILIO—Percebe-se que não é o mantuano. Antes pelo contrario.

SEREI RECEBIDA?—Não, senhora. E não, porque o que escreveu não são versos. E' um indigesto pastelão.

LIBERATA — Sete valores é o que lhe pudemos dar — e mesmo assim foi á força de empenhocas.

ROSA—Para se evitar que as chaleiras se encham de pedra depois de fervem agua durante um certo tempo, basta pôr-lhe dentro uma casca de ostra (muito bem lavada é claro), para que todo o deposito calcareo que se fazia nas paredes internas da chaleira passe a aderir a casca de ostra. Porém é preciso substituí-la, logo que esteja muito sobre-carregada do deposito calcareo.

BOTÕES DE ROSA, por Mafalda de Castro

A filha de Eugénio de Castro, uma das flores daquele grupo que o egregio poeta cantou em alguns dos mais belos e lapidares sonetos que esmaltam a literatura contemporânea, Mafalda de Castro, abençoada por seu pae, acaba de trazer a lume as suas primicias poéticas. Intitula-se o livro *Botões de rosa*. Título apropriadíssimo. São bem os versos de um coração feminino que desabrocha para a vida e para a arte. Haverá quem reconheça, em parte deles, a influencia da leitura dos últimos trabalhos paternos, vasados nos moldes da mais pura simplicidade. E' absolutamente natural. Mas ninguém de boa fé e com um pouquinho de senso critico deixará de verificár o que estas quadras e estes sonetos encerram de pessoal nas idéas e na forma e até nas indecisões que, por vezes, esta acusa. Mafalda de Castro merece bem o nome de poetisa e o autor glorioso de tantas obras-primas, profetizando que

Rosetra com taes botões
deve dar fior's bem formosas,

não se deixa cegar pelo entualismo, mas apenas emite um juizo que se fundamenta nas paginas encantadoras da estrela que temos presente. *Botões de rosa* são uma alvorada cheia de radiantes promessas. Os pequeninos poemas de Mafalda de Castro denunciam uma alma sã, delicada e enternecida, que sabe vibrar e sabe t'aduzir com primores isentos de artificios os sentimentos bons que a inspiram. As mesmas ingenuas coisas que contem, a par de outras elevadas e conceituosas, testemunham que estamos em frente de alguém que ensata as azas para mais remontados vãos. Certos sonetos podem classificar-se de perfetos, se sombra de favor. Confiamos, ardentemente, na nova poetisa, animada, como ella confessa, da «vontade verdadeira» que

Nos leva do pouco ao muito
E aonde quer que se queira.

A edição, semelhante á dos versos de Eugénio de Castro, honra a empresa internacional editora «Lumens», com sede em Coimbra e sucursaes em Lisboa e no Porto, e que está prestando ás letras patrias os mais assinalados serviços.

A. de A.



PAGINA INFANTIL

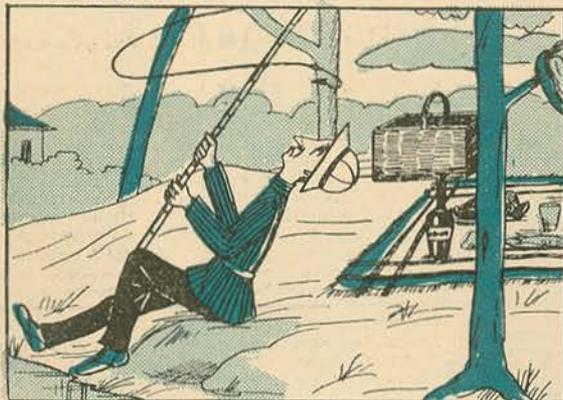
UM JANTAR COM POUCA SORTE



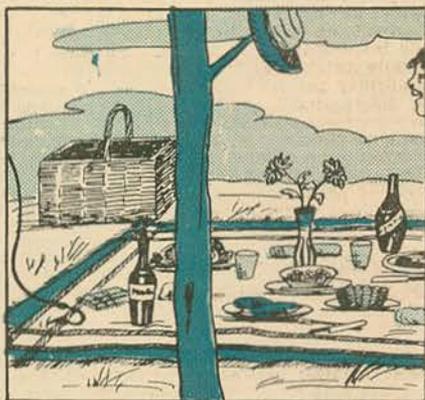
NÃO OLHES PARA CÁ SEM O JANTAR ESTAR NA MEZA



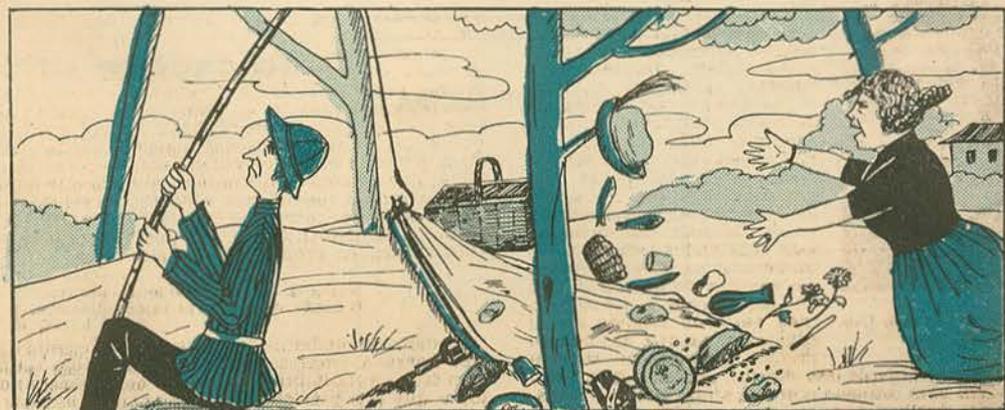
ESTA PEIXE A MORDER A ISCA !



O PATIFE COMEU A ISCA E SAFOU-SE!



O JANTAR ESTÁ NA MEZA



MAS QUE PEIXE VIRÁ LÁ DETRAZ ?..

ESFINGIA



O amor de tudo ri,
De tudo mofa, o brejeiro,
Com esse fim, une até—1
A duqueza ao seu cocheiro

Dois líricos

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Charadas em verso: Amortalhado, Camomilha.

Charadas em frase: Cordoaria, Fadario, Única.

Enigma pitoresco: Fumo e má cara afastam a gente de casa.

*

ENIGMAS

Retribuindo a gentileza da illustre enigmatista e brilhante colaboradora da ESFINGIA D. Maria A. S. F. (Tia Aídina)

Tem meu todo quatro sílabas,
Letras sete, e nada mais,
Consoantes, são só tres
As restantes são vogaes.

Lido de traz para a frente,
Ou da frente para traz,
O mesmo produto é,
A mesma palavra faz.

Dois vogaes são irmãs,
As outras muy gemeas são;
São eguaes as consoantes,
Exceto uma, essa é que não.

A prima, segunda e tertia,
Mais a quarta, vê-se bem.
Ser substancia vegetal
E mais uma côr tambem.

Quarta, quinta, sexta e setima,
P'ra quem paciencia tiver,
Encontra sem grande esforço,
Nome proprio de mulher.

Da quarta, lida p'ra traz,
Nome de mulher nos dá;
Diga-me, caro colega,
O conceito, o que será?

Mãe & Filha

*

(Ao ex.º Sr Jorge Gonçalves)

Sou o Destino, sou qual fraco odor
A luz suave que nos alumia
A magoa oculto com a alegria
Sou a vida, um ser enganador.

Sou a visão da morte, sou o amor,
Da musica sou a sua harmonia,
Sou a alma! Talvez corpo sem valia
Imerso num profundo mar de dor.

Sou um al que do peito sae chorando
A ventura que na alma vai brilhando
N'um cardume de estrelas rodeada.

Sou a escencia o alento da vida
Sou a canção mais linda, mais sentida
A tua alma ditosa patria amada.

Dr. Sinal

*

CHARADAS EM VERSO

Pela estrada em automovel,—2
Fugindo vae gentil par,
Porque a pequena tem medo,—1
Que o pae os possa alcançar.

Ela um título possui,—1
Pois tem fôros de nobreza,
Ele é da plebe e nasceu
Na mais humilde pobreza.

Eis aqui uma charada—1
Bem difficil de roer,
Não querem acreditar?
Ora vamos lá a vér:

Dêem-me um rio de Italia—1
Mui facil de procurar:
A ultima está no campo—2
'Scusam de muito buscar...

O conceito da terrível
Charada que arquitetei,
E' galoiá ou é prisão,
E dizer-lhes mais, não sei...

J. O. C

*

LOGOGRIFOS

Sobre os engraçados versos
«A tempo...», de Belmiro, e
oferecido a todos os colegas
colaboradores da ESFINGIA.

Não sabes, Mariquinhas?
Ha dias que estão cá, vindas do sul,
As nossas bem amadas *andrinhas*—5-4
—11-9.
Com seu petillho branco e capa azul...

Falei-lhes, estranhando que tão cedo
Viesses demandar a nossa terra,
Não tendo ainda *folhas* o arvoredor—L—
13-14-5-6-8-10
E havendo tanta neve pela serra.

E respondeu-me aquella
Que nasceu do *betral* do teu telhado—1
2-5-R-13-7-0

Sobre a florida e rustica janela,
Onde vinhas falar ao namorado:

—«Engano, meu amigo,
O nosso rumo era direito a Fez,
Tencionando passar ali um mez
N'algun seguro abrigo
E vir depois ao solo portuguez,
Perdemo-nos, porém, n'um temporal,
E quando se desfez toda a neblina
Uma de nós gritou alegremente:—1-R
8-3-0-U.

—E' terra marroquina!
Descemos de repente—12-13.
E chegámos assim a Portugal.»

E, perguntando mais, qual a razão
D'aquela confusão,
A que nasceu á beira do telhado,

QUADRO DE HONRA

Luiz Correla—Violeta—C. Sil-
lel—Josolicos—Tia Aídina—
Sant'Ana—Seugirdor—Vasco
Rela—Do 14—A. B. C.—Teobaldo
—Alberto Silveira—Pam—Cas-
tor & Polux—Rosa pall a Et-
neclv Sepol—Mae & Filha—Fer-
rira, Almeida & Tavares—J.
Soelro—Dr. Mostarda—Marlo
Corre a—Um principliante—J.
Ribeiro

*Campeões decifradores do pe-
nultimo numero.*

Sobre a janela rustica e florida
Onde vinhas falar ao namorado,
Respondeu, atrevida:
—E' que ao varrer o vento o céu som-
brido
Lá em baixo, no chão palvaponado,
Avistavam-se os restos do Rocío...»

Do 14

*

(Aos grandes mestres)

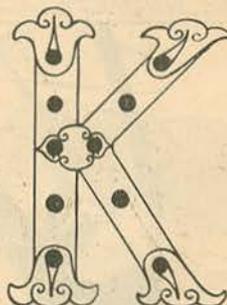
Eu era forte e robusto—5-1-4-3.
Nós meus tempos de rapaz;
Porém, doença terrível—5-1-2.
Me tornou, já, incapaz...

Não me dá largas p'ra mais,—1-2-1-3.
Não sou mais do que um doente!
Para que me serve a vida,
D'este modo impertinente?...

Josolicos

*

ENIGMA PITORESCO



ZÉ PEDRO

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Illustração Portuguesa* as decifrações das produções insertas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocío.

—Todas as produções devem vir escritas em separado, e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel lizo e tinta da China.

—Os originaes quer sejam ou não publicados, não se restituem.